

## Acerca da *ortho-doxa*

Rithée Cevalco

A questão do saber está estreitamente ligada à questão do que pode ou não ser ensinado ou transmitido. O diálogo de Platão *Ménon, sobre a virtude* nos incita a uma reflexão acerca de uma verdade que não pode ser ensinada<sup>1</sup>. A *léxis* Ortho-Doxa (opinião verdadeira [OD]) não se confunde, então, com uma doxa qualquer. Esse diálogo foi, em várias ocasiões, objeto de comentários de Lacan<sup>2</sup>. Detenho-me aqui em “O aturdido<sup>3</sup>”, no qual Lacan anuncia um “progresso”, pois esta OD “já não tem, para nós, senão um ab-senso de significação<sup>4</sup>”, esvaziamento de toda significação que aponta para o ab-senso do ab-sexo.

A preocupação de Lacan concerne ao que do real poderia ser ensinado e ele aposta (ainda) no matema do que não pode ser ensinado – paradoxo, talvez –, com relação à “impossibilidade de dizer verdade do real [que] se motiva por um matema [...] pelo qual se situa a relação do dizer ao dito<sup>5</sup>”. Entretanto, mais do que o matema, o dizer esquecido por trás dos ditos encontra, finalmente, um suporte topológico a partir de uma superfície onde se pode traçar o percurso do muro dos impossíveis – do sexo, do sentido e da significação.

A OD está localizada, então, na superfície esférica do *cross-cap* como ponto de *fixação* qualquer, porém necessário, cuja queda é produzida por um corte entre o dizer e os ditos. Que este ponto de *fixação* da OD seja nomeado por um equívoco, aponta para o ato da interpretação como corte. Mas há corte e corte<sup>6</sup>. Somente o corte de volta dupla, corte do dizer, opera uma modificação da estrutura topológica que provoca a queda do “a” (rodela esférica do *cross-cap*), enquanto causa do desejo e a verificação do sujeito em sua divisão (banda de Moebius a-esférica). “O ponto, portanto, é a opinião que se pode chamar de verdadeira, pelo fato de o dizer que a contorna verificá-la efetivamente, mas apenas porque o dizer é aquilo que a modifica, ao introduzir a  $\delta\acute{o}\xi\alpha$  como real”. Transformação, então, pela passagem dos ditos (corte de uma só volta) ao dizer (corte de dupla volta) e passe da *fixação* simbólico/imaginária a algo da ordem do real.

Poderíamos situar esses pontos de *fixação* na história e na doutrina psicanalíticas? Dar, por exemplo, a volta adequada em nossos mitos como pontos de OD? Os mitos freudianos, sem dúvida: Édipo e seu inverso, *Totem e tabu* (aos quais ainda são apegados muitos psicanalistas bem-pensantes da significação e da ideologia da família). Mas, também, os lacanianos: o da lamela, o de *Evidu* como lugar da origem de *lalíngua*. Não se trata de questioná-los no âmbito do verdadeiro/falso, mas de rodeá-los com esse trajeto de dupla volta permitindo esvaziá-los de toda significação, para eventualmente – porque não? – nos servirmos deles.

Parece-me que a abordagem desses pontos de OD poderia, talvez, induzir-nos a ter mais prudência na hora de nosso fervente clamor contra toda ortodoxia.

Pouco depois de “O aturdido”, Lacan inicia sua abordagem do “método nodal”. Persiste a questão de como “tocar” um real a partir de uma prática de fala. A orientação do tratamento aponta, então, para o *sinthoma* que permite alcançar, mesmo que seja apenas um fiozinho, o real do nó singular de cada *falasser*. Nó que é amiúde “*pépère*” (conforme e confortável) e ortodoxo... e, algumas vezes, bem herético<sup>8</sup>.

Isso não se produz sem a operação de desconstrução/travessia da fantasia, trajeto em torno da OD, condição prévia à satisfação de fim por identificação com o *sinthoma* e a consequente desvalorização do gozo sintomático e sua repetição.

Será que, por fim, poderíamos localizar esses pontos de *fixação* de OD que se trnçam também nas elaborações nodais?

Por que não invocar momentos de “passe” na própria elaboração da OD da doutrina analítica, de “seu” saber? Valeria, como exemplo, o percurso do inconsciente freudiano ao “nosso” – tal como se expressa Lacan – sempre e quando nos inscrevamos no prolongamento de seu sintoma (o de Lacan) que o conduz a essa posição extrema de abordar um real fora de todo sentido, mas separado de toda concepção de um “real em si”, ao qual nos conduz (*nous mène*) o númeno kantiano<sup>9</sup>.

*Tradução: Elisabete Thamer*  
*Releitura: Graça Pamplona*

- 
- <sup>1</sup> Para Sócrates, não há *epistème* da virtude. Ela não pode ser ensinada pois escapa à coerência esperada de todo saber.
- <sup>2</sup> Ver em particular: J. Lacan, *O seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, no qual Lacan já evocava o esquecimento ligado, neste momento de seu ensino, à função criadora da verdade.
- <sup>3</sup> J. Lacan, “O aturdido”, *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 448-497.
- <sup>4</sup> *Ibid.*, p. 483.
- <sup>5</sup> *Ibid.*, p. 482.
- <sup>6</sup> Distinção entre corte de uma só volta e corte de volta dupla. Sobre este desenvolvimento, enviamos a J. Chapuis, em colaboração com R. Cevasco, *Guía Topológica para ‘L’étourdi’, un abuso imaginario y su más allá*, Ediciones S&P, Barcelona, 2012; *Guide topologique de ‘L’étourdi’. Un abus imaginaire et son au-delà*, Paris, Ed. Nouvelles du Champ lacanien, 2019.
- <sup>7</sup> J. Lacan, “O aturdido”, *op. cit.*, p. 484.
- <sup>8</sup> Basta-nos invocar Joyce, o herético. Ver C. Soler, *Lacan, leitor de Joyce*, São Paulo, Aller Editora, 2018.
- <sup>9</sup> Em francês, *nous mène* (nos conduz) é homófono ao *noumeno* kantiano.